



CARTAS POLITICAS

POR

JOÃO CHAGAS

N.º 6

CARTA

AOS

SENHORES DA LIGA MONARCHICA

CALÇADA DO SACRAMENTO, 7, 2.º

N'esta

Lisboa, 11 de Janeiro de 1909.

Liga Monarchica

Proseguem com toda a actividade os trabalhos para a installação definitiva da Liga Monarchica na sua séde, calçada do Sacramento, 7, 2.º, esquina do Chiado.

Logo que estejam concluidas todas as obras, será iniciada uma larga serie de conferencias. A entrada será publica.

Brevemente será posto em vigor o serviço medico gratuito para os socios e suas familias.

Todos os monarchicos, qualquer que seja o partido a que pertençam, podem inscrever-se como socios da Liga Monarchica, pagando apenas 100 réis cada mez.

A inscripção de socios pode ser effectuada todos os dias, das 10 horas da ma-

nhã ás 12 horas da noite, na calçada do Sacramento, n.º 7, 2.º.

Os monarchicos das cidades, villas e aldeias do paiz, podem inscrever-se como socios com a quota mensal de 100 réis, bastando para isso mandarem para a séde da Liga os seus nomes, profissões, idade e localidade onde residem.

A cobrança para fóra de Lisboa será feita pelo correio. A Liga Monarchica não tem côr partidaria.

Não se funda impunemente uma Liga monarchica, n'um paiz regido, durante sete seculos, por uma monarchia.—Permittam pois, os senhores da *Liga Monarchica* que eu faça alguns commentarios á noticia supra, publicada nos jornaes da semana passada e que junto a esta.

Vejamos, antes de mais nada, qual é o significado da associação que os senhores pretendem fundar, sob o nome de *Liga Monarchica*.

A' idéa de *Liga* andou, de todo tempo, vinculada a idéa de combate. As Ligas são antiquissimas. Não tive occasião de verificar a que epocha remonta a iniciativa das primeiras Ligas, mas já no seculo XV os homens se associavam para luctar e davam a essas associações a designação de *Ligas*. Faziam Ligas os cidadãos, faziam Ligas os Estados. A mais famosa de todas as Ligas foi a que fundou em França, no seculo XVI, o Duque de Guise, contra o protestantismo. Contra Luiz XIV fizeram uma Liga as nações. Foi a Liga de Augsburgo. Contra Luiz XI fez uma liga a nobreza. Foi a Liga do Bem Publico.

Perdôo-lhes a ennumeração de muitas outras Ligas, registadas pela historia, para me referir apenas ás associações mais modernas que, com o nome de *Ligas*,

se tem proposto, como a Liga Agraria, na Irlanda, como a Liga do Ensino, em França, como a Liga Catholica, na Inglaterra, defender, ora uma causa de interesse politico, ora uma causa de interesse social, ora uma causa de interesse religioso.

Todas estas Ligas, sem excepção das Ligas entre soberanos e entre Estados, foram organisadas pelos mais fracos contra os mais fortes. Nem de outra maneira se comprehenderia a necessidade de os homens se ligarem. Onde ha a Liga, ha um inimigo a combater e um inimigo poderoso. Qual era, por exemplo, o inimigo da Liga Agraria? Era a Inglaterra e o poder central. Qual era o inimigo da Liga franceza do ensino? Eram os governos e a sociedade. Qual era o inimigo da Liga Catholica ingleza? Era a religião official.

Posto isto, eu pergunto: contra que poder se ligam os senhores da *Liga Monarchica*?

E' a monarchia, em Portugal, uma causa que pretende triumphar e não triumphou ainda?

Visivelmente não o é. A monarchia é o regimen secular. No ponto de vista da antiguidade não é mesmo a monarchia: é um caso paleontologico—E' o *Megaterium*. E' um fossil.

Poder velho, poder vetusto, poder decrepito é, no entanto, o poder, com a sua omnipotencia, defendido pela força moral do Direito e defendido pela força material das armas. Tem por si a lei e tem por si as espingardas. Tem essa força enorme — a Auctoridade e maneja-a a seu alvedrio. Julga, condemna, multa, prende, deporta, exila; em caso de necessidade—mata. Tem o direito á obediencia e faz-se obedecer por milhares de instrumentos da sua auctoridade—magistra-

dos, juizes, delegados, escrivães, beleguins, carcereiros, o exercito e a armada.

N'uma palavra, a monarchia é o poder constituido, com a sua immensa força de defeza; e, n'estes termos, como se explica que os monarchicos fundem Ligas para a defender?

A idéa de uma Liga monarchica não faz sentido, associada á idéa da monarchia constitucional que nos rege. Para que ella tivesse alguma significação seria preciso que a monarchia estivesse não no poder, onde está, mas no exilio, onde não está ainda. Então, sim; então a Liga Monarchica era perfeitamente logica, com a sua séde em Paris. Installada, como vae estar, na *calçada do Sacramento, 7, 2.º, esquina do Chiado*, é um phenomeno social tão absurdo que só pode explicar-se por est'outro, mais absurdo ainda, de uma monarchia que ainda tem o direito de estar nas Necessidades e já anda aos baldões por segundos andares de aluguer.

*

Por outro lado, os senhores da *Liga Monarchica* avisam o publico de que a sua Liga não tem côr partidaria, podendo inscrever-se n'ella todos os monarchicos, seja qual fôr o partido a que pertençam.

Peior!

A monarchia é, ou presume-se que deve ser, o poder estavel e neutro, em volta do qual gravitam os interesses publicos, divididos em programmas politicos. Essas divisões constituem a sua razão de ser como

forma de governo parlamentar. Fazel-as cessar, é fazer cessar a sua acção jurídica. A monarchia liberal sem partidos, ou simulacros de partidos, como os que tem, o que seria? O regimen absoluto. Sem partidos não seria necessaria a simulação de um parlamento, que digó eu? — não seria mesmo possivel constitui-o. Só com monarchicos não seria possivel fazer mesmo um parlamento monarchico. Assim foram e tem sido precisos os progressistas e os regeneradores, que são monarchicos, mas que dizem constituir partidos differentes, representando ora uns, ora outros a comedia de uma opposição de programmas politicos, sem a qual não haveria parlamento.

Supprimam-se, porem, ostensivamente os partidos, e o que fica? A monarchia só, sem mais programma que não seja o seu programma pessoal de viver. Quer dizer, a forma de governo não tem mais utilidade e caduca, porque a monarchia não é precisa por ser a monarchia, mas por ser util. Acabe-se com os partidos e a monarchia acabou. E porque é que ella realmente acabou? — Porque elles acabaram.

Esta fallencia acabam os senhores de, innocente-mente, proclamar convidando os monarchicos todos, sem distincção de côr politica, a inscreverem-se na sua Liga. Juntar os monarchicos *todos* n'uma Liga é reduzir a monarchia ás suas minimas proporções. Não é já a monarchia: é uma associação de soccorros mutuos, a qual, para em tudo o ser, começa por offerecer «serviço medico gratuito, aos socios e familias.»

Assim, eis como liquidam tres velhas e lendarias dynastias portuguezis — n'uma chafarica triste que pede socios a tostão. Socios! Viu-se já isto? A monarchia a pedir socios! «Todos os monarchicos, diz o

aviso aos jornaes, podem inscrever-se como socios da Liga, pagando apenas 100 réis cada mez. Apenas 100 réis!

Eu não sou um monarchico, mas faz-me pena ver acabar assim as grandes coisas da historia, e a historia não são os Braganças: é Affonso Henriques, são os homens de ferro, é a dynastia de Aviz, são os homens de aventura, que vão acabar com elles. Como? Lastimosamente. Ah! os senhores da *Liga Monarchica* assumiram tremendas responsabilidades! Não se levam sete seculos de historia para um 2.º andar da calçada do Sacramento e não se lança a publico que elles precisam de um tostão para viver! Os senhores, quem quer que sejam, não tinham o direito de nos inflingir este vexame a todos, porque, por muito que se digam monarchicos, a monarchia não lhes pertence. Pertence á Torre do Tombo e não se levam os archivos da Torre do Tombo para a calçada do Sacramento, esquina do Chiado!

De semelhante attentado — deixem-me dar-lhe o verdadeiro nome—só poderia ser victima uma monarchia que, como a nossa, não tem já domicilio e traz a sua bagagem historica pelos domicilios de favor da hospitalidade monarchica.

*

Continuando a analysar o curioso documento que os senhores propalaram pelos jornaes, ali vejo que se propõem iniciar (quando estejam concluidas as obras

da sua installação) uma «larga serie de conferencias» e que a entrada será publica.

Se as obras se chegarem a concluir, se as conferencias se chegarem a fazer e se a entrada fôr franca para todas as orthodoxias, não faltarei no 2.º andar da calçada do Sacramento, porque tenho o maior interesse em saber o que é humanamente possivel dizer em defeza da monarchia liberal lusitana e da necessidade social de a manter no paiz.

Entretanto, não queria para mim o logar dos futuros conferentes, porque não lhes hade ser facil desempenharem-se do seu encargo. Por muito exacta que seja a palavra de Quintiliano—*Pectus est quod disertos facit*, nem por isso é menos certo que a eloquencia que não é servida por boas e solidas verdades deixa muito a desejar, e fallem-nos de uma eloquencia á qual deem por thema de dissertação a monarchia rotativa do sr. D. Manuel! O que poderá ella invocar a favor de semelhante monarchia?—O monarcha? Magro argumento!

Se, ao menos, fosse possivel invocar a sua dynastial Mas justamente, a dynastia, como de S. Cypriano dizia o horrendo padre Salgueiro, d'Eça de Queiroz — *não se presta*.

Os Hohenzollern fizeram a obra da unidade allemã; os Saboyas fizeram a obra da unidade italiana; mas os Braganças, o que fizeram elles? Não ha historiador que os salve e todos os enterram no mais fundo do desconceito da historia. Que fizeram elles sequer para conquistar o throno que occupam ha dois seculos? Nada! O primeiro que o occupou, D. João IV, foi lá sentado á força. Tinha medo de ser rei. Quando os portuguezes de 1640 lh'o propuzeram, a sua primeira

idéa foi denunciá-los ao rei de Hespanha. «Para o decidir, escreve Oliveira Martins, foi mistér propor-lhe claramente, cruamente, a dureza da situação. Estava perdido: a conjuração far-se-hia, que elle o quizesse, ou não.» E accrescenta: «O medo decidiu-o» Era medroso, beato. Foi um escravo dos jesuitas. Na realidade, governou em seu nome.

D. Affonso VI era um doido—«especie de rei Lear, doido e mau», lhe chama o historiador, de «character immundo, inclinações vis, gostos obscenos». O seu reinado é um escandalo que a historia tem fechado á chave, nos seus archivros secretos. D. Pedro II fez de Portugal uma provincia da Inglaterra. Era elle quem dizia que «preferia perder o throno a perder a amizade dos inglezes.» D. João V foi um carola—rei fradesco e lubrico, «beato e devasso», escreve o historiador. Fez dos conventos um serralho e teve freiras por amantes. A sua corôa e a sua côrte são caracterizados pela «brutalidade soez, a crueldade sanguinaria, o requinte e a corrupção de todos os costumes.» D. José não foi ninguem. Quem reina em seu nome é Pombal. D. Maria I era doida, como era doido Affonso VI: dois mentecaptos na mesma familia. D. João VI foi o typo da flacidez moral e physica e da impotencia. Casou com uma princeza orgiaca, que fez dos Paços reaes um lupanar e deu á historia o exemplo revoltante de um rei que foge perante uma invasão estrangeira e lhe entrega o reino. «Fugiu de noite, commenta o historiador, por ter a consciencia da sua fuga.»

Este foi o ultimo representante do sangue brigantino. D. Miguel e D. Pedro tem o sangue da mãe, Carlota Joaquina, de quem o historiador traça este terrivel retrato: «Megera horrenda e desdentada, creatura

devassa e abominavel, em cujas veias corria toda a podridão do sangue bourbon, viciado por tres seculos de casamentos contra a natureza.»

Os braganças liberaes nem portuguezes são : são allemães. D. Maria II foi um despota de saias. O historiador do seu reinado, Teixeira de Macedo, falla na «sua invencivel aversão ao systema representativo.» Foi inimiga da liberdade, até ao ponto de ser inimiga da nação. Appellou para a intervenção estrangeira e fez invadir o territorio por um exercito hespanhol.

Dos ultimos reis, D. Pedro V, unico na dynastia que não é doido, nem mau, nem egoista, nem fraco, é uma sombra e esvae-se ; D. Luiz é uma especie de D. João VI mais limpo ; finalmente D. Carlos é um caso de regressão : é D. Pedro II.

Que fizeram por nós ou a nosso favor estes dynastas ? Os Braganças, clama não um historiador, mas a historia em peso — foram sempre em Portugal os procuradores dos interesses estrangeiros. D. Pedro II foi um anglo-maniaco. Todos os braganças foram vassallos inglezes. D. João IV fez os tratados de 1642 e 1654, que, pelos proprios inglezes, foram equiparados aos que «os romanos costumam celebrar com os povos esmagados pelas suas armas». O tratado de Methwen, obra de D. Pedro II, «tornou-nos feitores da Inglaterra», escreve Oliveira Martins, e Pinheiro Chagas escreve : «Foi a nossa completa ruina.» Ao tratado de 1810 chama o conde de Villa Franca, o historiador da alliança ingleza, — «tratado ignominioso». D'esse foi o proprio Wellington quem disse abertamente — «que era a ruina de Portugal», e o historiador inglez Stephens consentiu em reconhecer que o paiz «ficava sendo uma provincia da Inglaterra».

Os braganças liberaes continuaram sob a tutela ingleza, servindo os interesses da Inglaterra, sempre em prejuizo dos nossos. O liberalismo, pode dizer-se, é uma aventura ingleza. D. Pedro IV é inspirado pelos inglezes. D. Maria faz-se commanditar por elles. Quando Passos Manuel entra em Belem, no dia da *Belemzada*, encontra ao lado da rainha, lord Howard de Walden, fallando, dando sentenças, dando ordens, e póde ver das janellas do palacio, a esquadra ingleza reclamada por aquella dama, com os seus canhões assestados sobre Lisboa. Em paga d'estes serviços, D. Maria II celebra com a Inglaterra o tratado de 1842, copia fiel dos tratados de Methwen e de 1810 e do qual diz outro historiador da alliança ingleza, José d'Arriaga, que foi «uma verdadeira calamidade para as industrias patrias».

Dos nossos dias é o tratado de 1891, que nos levou uma grande parte da provincia de Moçambique e nos reconheceu na outra uma posse meramente nominal.

*

Fundaram os braganças uma civilisação, ou ennobreceram pela intelligencia e pela cultura alguma epocha da sua historia, de que nos devamos orgulhar?

Os seus reis foram todos broncos e ignorantes e, como elles, durante quasi dois seculos, a sociedade foi estúpida e ignara. A tradição brigantina não nos falla senão de cego fanatismo. Portugal é dominado por jesuitas e frades. Reina a intolerancia e reinam as

suas crueldades. Quando se apagam as fogueiras da intolerancia religiosa, levantam-se as forças da intolerancia politica. Já tem apparecido Corneille, Racine, Molière no theatro, La Fontaine e Fénelon na poesia, Bossuet na eloquencia, Pascal na philosophia, e o Portugal intellectual está reduzido a um padre. O nosso seculo XVII desconhece a cultura europeia. O seculo XVIII faz d'ella uma caricatura hedionda, grotesca e torpe. O génio é um privilegio risivel e é synonymo de desgraça. Já Voltaire é o amigo de Catharina da Russia e ainda os poetas em Portugal pedem esmola, roem ossos nos pateos das casas ricas, são tratados como bobos e enotados como cães.

Da civilisação não ha nada, nem uma cidade. Lisboa era comparada pelos estrangeiros a Mequinez, ou Fez. Jacome Ratton chamava-lhe — a *fedorenta*. Os seus palacios são esterqueiras. O maior fidalgo da côrte, o marquez de Marialva, tinha á entrada do seu palacio, montes de estrume e rebanhos de porcos. Em toda a casa cheirava a estrebaria. Portugal era um paiz immundo. Não era uma civilisação: era uma cloaca.

A Revolução não a torna melhor. A primeira vez que aqui se pronuncia a palavra *liberdade*, o Portugal brigantino arma-se de cacetes. A consciencia liberal é asphyxiada; a mentalidade liberal aborta. Francisco Manuel do Nascimento, aquelle a quem Lamartine chamava o *divino Manuel*, expatria-se fugindo á Inquisição; Bocage, que teria sido um génio poetico como Chénier, ou Espronceda, humilha-se, abjura, apostata, cheio de terror, e é legado á posteridade sob a forma de um vate obsceno. Já Hugo tem nascido e ainda o génio litterario portuguez encarná n'um frade, o frade desbocado e devasso que foi José Agostinho de Macedo.

*

Inculcar a monarchia pela tradição dynastica brigantina não é, pois, tarefa facil. Debaixo d'este ponto de vista, a monarchia não se recommenda aos portuguezes.

A que titulo lhe pode ser ella recommendada?

Como uma garantia de liberdade?

Nem hoje, nem nunca, a monarchia, mesmo liberal, foi uma garantia de liberdade para os portuguezes.

O seu primeiro gesto chamou-se *reacção* e foi D. Maria II. O seu gesto mais recente chamou-se *reacção* e foi D. Carlos. A monarchia liberal só garantiu a liberdade, enquanto os portuguezes não quizeram fazer uso d'ella: foi no periodo de prostração civica que se seguiu á ultima guerra civil. Desde que a quizeram utilizar, tirou-lh'a. O reinado de D. Carlos foi a ultima d'essas extorsões, e recommendar como garantia de liberdade um regimen politico que a cada passo faz dictadura, que acaba de sahir de uma d'ellas, parecendo mesmo disposto a entrar n'outra, é pensamento que não tem condições para ser bem recebido.

A que outro titulo poderemos recommendar a monarchia aos portuguezes?

Como uma garantia d'ordem?

Tambem não me parece que ella a offereça, desde que, relanceando um olhar pela sociedade, a vemos mais do que nunca, agitada e dividida, sem esperanza de vir a socegar, ou a reconciliar-se, sob a influencia dos principios da monarchia liberal.

A monarchia não só não é uma garantia d'ordem, como é uma causa de desordem social. Ella não consegue não digo já pôr de accordo a sociedade, mas pôr de accordo uma familia. Por causa d'ella ha familias divididas, e o que pensar de uma monarchia tão perturbadora que não parece a monarchia, mas a questão Dreyfus?

Como se sabe, esta questão ia desencadeiando a guerra civil em França e só não a desencadeiou, por ter sido resolvida a tempo, de harmonia com os interesses da verdade e da justiça. Se a questão politica em Portugal não se resolver de harmonia com estes interesses, a guerra civil é de prever.

A monarchia é uma causa permanente de guerra civil. A monarchia é um incendio: só pode ser inculcada como uma garantia d'ordem, por pessoas mui pouco sensiveis ás temperaturas exteriores.

Como systema de administração, não creio que haja entre os futuros conferentes da *Liga Monarchica*, quem tenha a imprudencia de a inculcar. Um systema politico que leva Estado á ruina, pela malversação e pelo desperdicio, não é susceptivel de uma gloria mesmo sophismada. Aqui é que já não ha uma questão de principios, mas uma questão de probidade. Não ha amigos, ou inimigos da monarchia. Ha amigos e inimigos do paiz e ha homens de bem. Não sei se a administração monarchica ainda tem, perante os monarchicos, o direito de continuar gerindo os negocios do paiz. Perante os cidadãos, ciosos dos seus interesses, e perante os homens de bem, ciosos de uma administração honesta, não o tem. Como systema de administração, a monarchia falliu: só póde allegar a seu favor o não estar na cadeia, o que é pouco, porquanto

numerosos falcatruheiros andam por este mundo á solta.

A que outro titulo ainda poderemos recommendar a monarchia aos portuguezes?

Como uma condição de progresso?

Tambem a este titulo não é facil fazer tal recommendação.

Sob todos os pontos de vista, Portugal está estacionario. No ponto de vista intellectual jaz na mais abjecta ignorancia. Dois terços dos seus cidadãos não sabem ler, ou escrever. No ponto de vista moral, está paralyzado. Pede reformas de todo o genero, desde as reformas politicas até ás reformas soçiaes, e não as pode levár a cabo, porque a isso se oppõem os dogmatismos, os erros, as superstições e o espirito de rotina da monarchia conservadora. Ha pouco ainda, o chefe de um dos seus partidos, o mui nobre José Luciano de Castro, declarava com orgulho não consentir que os seus amigos levantassem a questão religiosa, ao que os seus amigos, é claro, não oppozeram objecção. Um projecto de lei de divorcio foi apresentado na camara, no meio de um sussurro malicioso. A mentalidade da camara considerou o assumpto—bréjeiro e, é claro, não o discutiu. Seria indecente.

Reformas tendo em vista uma revisão do direito, uma revisão do imposto, protecção ás classes trabalhadoras, protecção á infancia, emancipação da mulher, o ensino, a hygiene publica estão no espirito de todos e são reclamadas, mas não passam. Um deputado republicano, o sr. Estevam de Vasconcellos, apresentou na camara um projecto de lei sobre os accidentes de trabalho. Pediu urgencia. Recusaram-lh'a.

*

Ah! mas eu sei! Eu sei o que a monarchia garante, e este será sem duvida o thema feliz, o thema triumphal das conferencias que a *Liga Monarchica* se propõe fazer no seu 2.º andar da calçada do Sacramento. A monarchia garante — a autonomia nacional. Sem a monarchia, adeus independencia! adeus patria!

Eu poderia talvez objectar, se assistisse ás conferencias da *Liga*, em que se proclamasse esta tendencia verdade. . . monarchica, que a monarchia é tão fraca garantia de autonomia que já por vezes e com ella, a temos perdido, seja totalmente, seja parcialmente. Poderia objectar que, ha poucos annos ainda, para não remontar mais longe, perdemos, sob o regimen benefico da monarchia, uma grande parte de uma das nossas provincias — Moçambique; e poderia ainda objectar que a monarchia é tão fraca garantia de integridade que ella propria nos tem querido vender e tem vendido. Lembraria, por exemplo, — para não ir mais longe e não lembrar Tanger e Bombaim, — que o primeiro rei liberal D. Pedro IV, quiz vender aos inglezes a Madeira e os Açores, em troca do seu auxilio na guerra com D. Miguel, como expressamente consta de *Correspondencia Official* do Conde da Carreira.

Mas não! Com toda a lealdade me inclino perante o argumento de que a monarchia é uma garantia de independencia nacional, pois está absolutamente demonstrado — e eu não o nego — que o direito de ser portuguezes só nos é reconhecido pelas nações, com a

condição de nos deixarmos arruinar por ella. Se as nações nos vissem fazer o menor esforço para nos salvarmos da ruina, deitavam-n'os logo a mão.



Estas brochuras publicam-se uma vez por semana — aos sabbados.

Vendem-se em todas as livrarias, tabacarias e kiosques. — O seu preço é de 50 reis.

Assignam-se em series de 6, ou 12 numeros. O preço d'esta assignatura é de 300 e 600 reis, pagos adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a rua do Diário de Noticias, 145 — 2.º, onde se recebem as assignaturas e se satisfazem as requisições de exemplares.



